

A propósito de um poema de Eugênio de Andrade

JOÃO DÉCIO
Professor Titular de Literatura Portuguesa
da Faculdade de Filosofia de Marília (SP)

ADEUS -- Eugênio de Andrade

*Já gastamos as palavras pela rua, meu amor,
e o que nos ficou não chega
para afastar o frio de quatro paredes.
Gastamos tudo menos o silêncio.
Gastamos os olhos com o sal das lágrimas,
gastamos as mãos à força de as apertarmos,
gastamos o relógio e as pedras das esquinas
em esperas inúteis.*

*Meto as mãos nas algibeiras
e não encontro nada.
Antigamente tínhamos tanto para dar um ao outro!
Era como se todas as coisas fossem minhas:
quanto mais te dava mais tinha para te dar.*

*Às vezes tu dizias: os seus olhos são peixes verdes!
E eu acreditava.*

*Acreditava,
porque ao teu lado
todas as coisas eram possíveis.
Mas isso era no tempo dos segredos,
no tempo em que o teu corpo era um aquário,
no tempo em que os meus olhos
eram peixes verdes.*

*Hoje são apenas os meus olhos.
É pouco, mas é verdade.
uns olhos como todos os outros.
Já gastamos as palavras.*

*Quando agora digo: meu amor. . .
já não se passa absolutamente nada.*

*E no entanto, antes das palavras gastas,
tenho a certeza
de que todas as coisas estremeciam
só de murmurar o teu nome
no silêncio do meu coração.*

*Não temos já nada para dar.
Dentro de ti
não há nada que me peça água.
O passado é inútil como um trapo.
E já te disse: as palavras estão gastas.*

Adeus.

O poema “Adeus”, do livro *Os Amantes sem Dinheiro*, de Eugênio de Andrade repõe a palavra, o silêncio e o tempo como motivos centrais, daí derivando toda a realização do discurso poético.

De início, o poema nos propõe a problemática da comunicação de um “eu” com um “tu”, no momento da completa tomada de consciência de que nada ou pouco resta da comunhão entre dois seres, embora ainda persista o sentimento, a realidade afetiva:

“Já gastamos as palavras, pela rua, meu amor”.

A expressão “meu amor” assinala essa permanência da relação sentimental, digamos, na pura essência da coisa, apenas que ela não poderá subsistir por “via das palavras” já que estas, de uma parte foram gastas e de outra sofreram desgastes e por aí o sentimento não é mais possível.

Abrindo já nesta altura um parêntese, o poema em tela recoloca claramente a dualidade coisa-palavra no discurso poético. A interrogação surge naturalmente: poderá realmente a palavra nomear e referir a coisa, chegando próximo a ela, ou sempre permanecerá o abismo entre ambas realidades, restando sempre uma ser metáfora da outra? Ainda mais, a poesia estará nas palavras ou nos intervalos entre elas, nas zonas de silêncio? Conquista intervalar entre a palavra e o silêncio, articulação entre ambos, eis a palavra poética. Octávio Paz em seu livro, *O Arco e a Lira*¹ lembra que a poesia não se reduz a palavra mas que sem esta aquela não pode existir. Tudo isso vem a propósito do texto que vimos analisado. Eugênio de Andrade aqui, parece aceitar que as palavras se desgastam mas o mesmo processo não parece ser concomitante nas coisas que constituem o seu referente.

O que se requer agora é a necessidade de um novo veículo para revelar a coisa, algo que acaba sendo um oposto mas também um complemento da palavra e que deva ser gasto como aquela o foi:

“Gastamos tudo menos o silêncio”.

Desgastado tudo, naturalmente dentro de um processo metafórico (as palavras, as mãos, os olhos, o relógio), o silêncio é o único elemento que pode expressar e lembrar a coisa e é possível inferir que até certo ponto, o poema reivindica o poético como sendo o conjunto dos silêncios e eventualmente o das palavras.

A presença e a importância do silêncio (e dos silêncios) nos textos poéticos, tem sido debatida por André Breton, por Jean Claude Renard e pelo

lembrado Octávio Paz. Nós defendemos a idéia de que a palavra poética é uma palavra expressiva entre dois silêncios expressivos.

Voltando ao texto de Eugênio de Andrade, no processo de organização do conjunto expressivo de silêncios e de palavras, um elemento fulcral, soberano se ergue: o tempo, que aliás comparece com um “leit-motiv”, dada sua presença em vários passos do poema não só no processo verbal reiterativo e anafórico (“gastamos tudo menos o silêncio./ Gastamos os olhos com o sal das lágrimas./etc. etc.), na presença do advérbio antigamente, mas especialmente no uso mesmo da palavra tempo:

“Mas isso era no tempo dos segredos,
no tempo em que o teu corpo era um aquário,
no tempo em que os meus olhos
eram peixes verdes.”

O texto de Eugênio de Andrade ainda nos enfatiza a referência ao tempo, no seu processo de passagem, fixando claramente o que foi o passado e o que ficou no presente, no plano da palavra e do seu referente, a coisa. Fixa então uma alteração radical do “eu” numa clara consciência de sua própria transformação:

“Hoje são apenas os meus olhos.
É pouco, mas é verdade,
uns olhos como todos os outros.”

Ainda mais, num plano mais abrangente situa-se o contraste entre o significado das palavras no passado e no presente, estabelecendo-se nitidamente o desgaste do referente emotivo:

“Quando agora digo: meu amor. . . ,
já se não passa absolutamente nada.”

“Adeus” ainda enquanto discurso poético se sustenta num recurso muito caro à linguagem de Eugênio de Andrade: a presença da metáfora, naquilo que se revela como substituição de uma realidade por outra, ambas claras no texto e ainda ilustradoras da idéia de Herberto Helder sobre o processo metafórico (“é sempre outra coisa”). Exemplificativos do fato, temos imagens várias no poema: “os teus olhos são peixes verdes” ou “o teu corpo era um aquário”, em que os dois termos da comparação estão presentes. Há casos em que apenas um deles se verifica e a metáfora não se completa: “já gastamos as palavras” ou “gastamos os olhos”. Na metáfora completa cumpre lembrar ainda o exemplo fornecido por: “os meus olhos eram peixes verdes”.

Presença do desgaste da palavra, do silêncio a desgastar, do tempo soberano a presidir ambos processos e de uma linguagem metafórica com algum caráter elemental (“água”) além da reposição da dualidade poética em torno da palavra e da coisa, eis as principais tônicas do poema “Adeus”, de Eugênio de Castro, Discurso ainda longo que o poeta virá a enxugar em obras futuras, mas indiciador de alguns processos permanentes de toda sua criação poética.

Bibliografia:

Andrade, Eugênio de — *As Mãos e os Frutos e Os Amantes Sem Dinheiro* Porto, Editorial Inova, 1973.
Paz, Octávio — *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica 2ª ed., 1967